



**Arthur Vianna Ferreira,**



Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

[arthuruerjfp@gmail.com](mailto:arthuruerjfp@gmail.com)

**Lucas Salgueiro Lopes**



Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

[salgueirollucas@gmail.com](mailto:salgueirollucas@gmail.com)

# **O USO DAS AFETIVIDADES EM WALLON E AS PRÁTICAS SOCIOEDUCATIVAS DE UM PROJETO SOCIAL EM SÃO GONÇALO - RJ**

## **RESUMO**

Este artigo tem como objetivo identificar a relevância da afetividade nos processos de ensino-aprendizagem em uma instituição socioeducativa não escolar. O material de análise desta pesquisa foi construído a partir da escrita de diários de campo que relatam as visitas realizadas ao projeto Luxo de Vida durante o ano de 2017. Esses diários foram escritos com base na observação de campo, a partir da fenomenologia de Edmund Husserl. Assim, busca-se fazer uma articulação do material com os conceitos de Henri Wallon, tal como uma análise histórica e social do contexto local da ONG, localizada no Complexo do Salgueiro. A partir dos resultados dessa pesquisa, concluímos que o uso de uma afetividade positiva, com práticas de encorajamento para maior autonomia do aluno, gera resultados mais eficazes no processo de aprendizagem, em especial, quando respeitado o tempo de desenvolvimento e o contexto social no qual o aluno está inserido.

**Palavras-chave:** Educação não escolar. Psicologia da Educação. Henri Wallon. Afetividades. Práticas socioeducativas.

## **THE USE OF AFFECTIVITIES IN WALLON AND THE SOCIO-EDUCATIONAL PRACTICES OF A SOCIAL PROJECT IN SÃO GONÇALO – RJ**

### **ABSTRACT**

This article aims to identify the relevance of affectivity in the teaching-learning processes in a socio-educational non-school institution. The material analysis in this research was built from the writing of field diaries that report the visits to the "Luxo de Vida" project during 2017. These diaries were written based on field observation, using the phenomenology of Edmund Husserl. Thus, we seek to articulate the material with the concepts of Henri Wallon, as well as a historical and social analysis of the local context of the NGO, located at the Salgueiro Complex. From the results of this research, we conclude that the use of positive affectivity, with encouragement practices for greater student autonomy, generates more effective results in the learning process, especially when respecting the time of development and the social context in which the student is inserted.

**Keywords:** Non-school education. Educational psychology. Henri Wallon. Affectivity. Socio-educational practices.

**Submetido em:** 03/06/2018

**Aceito em:** 09/07/2019

**Publicado em:** 23/12/2019



<http://dx.doi.org/10.28998/2175-6600.2019v11n25p01-21>



## I INTRODUÇÃO

A proposta de projeto que foi trabalhado em 2017 girou em torno das práticas educativas para além das instituições formais de ensino. Este trabalho busca analisar, além da prática educacional, as relações interpessoais presentes numa Organização Não Governamental no Complexo do Salgueiro em São Gonçalo – RJ. Essa ONG, o Luxo de Vida, oferece diversas atividades ocupacionais a crianças da comunidade da qual fazem parte, sendo elas voltadas a segmentos esportivos, profissionalizantes, educacionais, etc. As práticas educacionais e as relações de afetividade interpessoais nela envolvidas são o tema de maior interesse na nossa pesquisa.

O trabalho foi desenvolvido em relação direta com a atividade de monitoria do curso de Psicologia da Educação na Faculdade de Formação de Professores da UERJ. Ainda que a atividade de monitoria seja centrada no trabalho auxiliar à organização das aulas e suporte aos discentes, o trabalho não se limita a isso. Assim, é de suma importância pensar na atividade de monitoria para além dos conteúdos programáticos no ambiente da sala de aula. Fazendo a relação entre as duas áreas, a parte prática da pesquisa serve ainda como aporte para o trabalho em sala de aula, tendo em vista a relação indissociável entre teoria e prática na atuação docente. Assim, podem ser encontrados no campo prático, os exemplos necessários que a disciplina de Psicologia da Educação oferece aos discentes de forma teórica.

É também necessário não pensar simplesmente nas questões psicológicas ou na referida ONG como algo isolado. Para que tenhamos a compreensão necessária desse âmbito, deve-se pensar no contexto social em que o Projeto está localizado. Parte-se então de uma análise histórico-social do macro – São Gonçalo, segunda cidade mais populosa do estado -, até chegar à região onde está localizada sua sede, o bairro de Itaúna, parte do Complexo do Salgueiro. Interfere nos resultados da pesquisa o histórico da região nas últimas décadas: uma região antes “apenas” empobrecida, e hoje um dos principais pontos do estado sob o domínio do Comando Vermelho, facção criminosa.

Trata-se de um projeto evidentemente de Psicologia da Educação, mas que entrará em contato interdisciplinar com outras áreas das Ciências Humanas e Sociais, por conta de seu “modo de fazer”. A base teórica e metodológica principal do trabalho parte da obra do francês Henri Wallon<sup>1</sup>, em especial, de seus estudos relativos à psicologia do desenvolvimento, interferência do meio social, afetividade, entre outros.

---

<sup>1</sup> O francês Henri Paul Hyacinthe Wallon foi psicólogo, médico, filósofo e político. Nasceu em 1879 e faleceu em 1962.

## 2 RECORTE LOCAL

Mudança, investimento, desenvolvimento... são algumas das palavras recorrentes utilizadas para contar a história de São Gonçalo<sup>2</sup> por parte do site oficial de sua Prefeitura. O orgulho e as glórias tomam conta de boa parte do discurso, que é, acima de tudo, otimista. Ainda que não seja uma mentira, é bem notável o apego a um passado muito mais glorioso que os dias atuais: o presente não é tratado da forma crítica como merecia.

A área onde hoje está localizado o município de São Gonçalo foi habitada por índios Tamoios antes da chegada dos colonizadores portugueses. Foi fundada como sesmaria<sup>3</sup> em 1579 pelo colonizador Gonçalo Gonçalves, fazendo parte da capitania de São Vicente. O canal da prefeitura ainda dá destaque especial ao progresso econômico durante o século XVIII, decorrente das fazendas e engenhos de açúcar da região, além de intenso comércio. São Gonçalo tem sua emancipação de Niterói ao fim do século seguinte, em 1890. Apenas em 1929 é reconhecido o *status* de cidade para todas as sedes do município<sup>4</sup>. Segundo o último censo do IBGE<sup>5</sup> (2010), São Gonçalo possui 999.728 habitantes – sendo a segunda mais populosa do estado – e com estimativa para 2017 já ultrapassando a casa de um milhão de habitantes.

Considerando que o auge de prosperidade e desenvolvimento econômico da cidade veio durante o século XX, ligado à intensa produção industrial – que lhe rendeu a alcunha de “Manchester<sup>6</sup> Fluminense” –, entender o declínio dessa atividade é de valiosa importância para compreender os dias atuais. Vê-se o ápice dessa fase industrial durante as décadas de 1930 e 1940.

Sendo substancialmente agrícola até o início do século XX, São Gonçalo aproveitou diversos incentivos estaduais a partir da década de 1920. Visando à vinda de novas indústrias para o estado, diversas isenções fiscais e benefícios foram oferecidos a novas empresas. Destaca-se a Lei 1.991 de 1925, concedendo benefícios fiscais às duas primeiras empresas que se instalassem no estado num prazo de quatro anos. No caso específico de São Gonçalo, aspectos como sua boa localização, presença de áreas planas, e abundância de matéria-prima e mão de obra são outros fatores positivos. Em artigo de Araújo e Melo (2014, p. 71), temos a dimensão da importância que São Gonçalo atingiu nessas décadas.

No ano de 1928, dentre as coletorias espalhadas pelos diversos municípios do Estado do Rio, as de São Gonçalo lideravam a arrecadação (...) Em 1939, a renda obtida pelas coletorias localizadas

---

<sup>2</sup> Município da região metropolitana do Rio de Janeiro; 2º mais populoso do estado e 16º do Brasil. Faz limite com Niterói, Maricá e Itaboraí. Está localizado a 25 km da capital do estado.

<sup>3</sup> Terra pertencente a Coroa Portuguesa, a qual sem desenvolvimento ou ocupação, poderia ser doada por donatário para outro colonizador.

<sup>4</sup> Dados referentes ao site da Prefeitura de São Gonçalo. Disponível em: <http://www.saogoncalo.rj.gov.br/historia.php>. Acessado em 10 de outubro de 2017.

<sup>5</sup> Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. É um instituto público que – entre outras atribuições – trabalha com estatísticas sociais, demográficas e econômicas; por exemplo, a realização de censos.

<sup>6</sup> Cidade da Inglaterra, caracterizada geralmente por ser um histórico centro industrial de grande produção. É baseada nessa característica a designação a São Gonçalo durante essas décadas de 1930 e 40.

no Município de São Gonçalo já era a maior do país: “S. Gonçalo fica em primeiro lugar entre as coletorias estaduais, em primeiro quanto às subcoletorias e agências e ainda em situação superior quanto a outras coletorias do Estado” (...) São Gonçalo chega ao início dos anos 1940, quando do cinquentenário de sua emancipação política, como um dos municípios mais relevantes do antigo Estado do Rio de Janeiro, do ponto de vista da atividade industrial, possuindo o 2º maior produto industrial do estado, perdendo apenas para Petrópolis, e com participação relativa semelhante à de Niterói (capital do antigo Estado do Rio) e de Campos, que àquela época também constituíam importantes parques industriais (...) Já no ranking do emprego industrial, São Gonçalo também ocupava as primeiras colocações.

No entanto, essa fase dura pouco tempo: segundo Araújo e Melo (2014), o declínio desse crescimento se inicia já na década de 1950. Alguns dos apontamentos indicam a falta de investimento do Governo Federal na cidade, além da pouca infraestrutura gonçalense. É também de se destacar a ausência de uma elite industrial capaz de prosseguir o desenvolvimento industrial nos primeiros momentos de crise. Por último, ainda é citada uma má gerência tributária, partindo do governo municipal. Nas décadas seguintes a população se multiplicou cada vez mais, e os tempos de “Manchester” ficaram cada vez mais distantes. Surge então uma era de “cidade-dormitório”, com o evidente descaso cada vez mais recorrente com os bairros populares (Moraes, 2014).

## 2.1 Dias atuais e o contexto educacional.

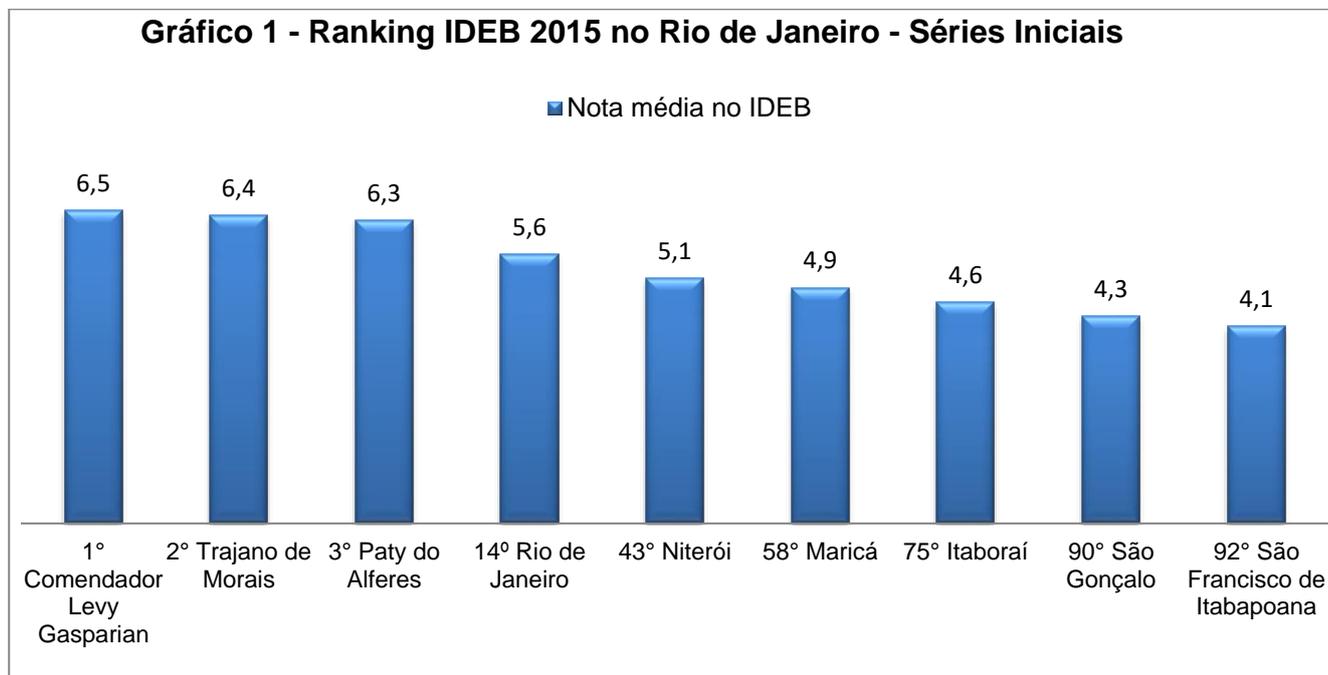
Voltando aos dias atuais, os dados mais recentes do IBGE mostram cifras alarmantes aos mais de um milhão de habitantes gonçalenses. Pesquisa de 2015 mostra que a porcentagem de pessoas ocupadas na população é de apenas 13,3% - posição 80 de 92 municípios relativos ao Rio de Janeiro. 34,5% da população vive em domicílios com rendimento mensal de até meio salário mínimo por pessoa. Quanto à educação, os índices do IDEB<sup>7</sup> são ainda mais preocupantes: os alunos das séries iniciais alcançaram nota 4.3 – posição 90 de 92 no Rio de Janeiro; os alunos dos anos finais alcançaram nota 3.2 – pior desempenho do estado. A taxa de escolarização (entre 6 e 14 anos) foi de 96,7 – posição 72 de 92 no geral. Ilustramos alguns desses números nos gráficos abaixo; o critério adotado para os dados apresentados em gráfico são referentes às cidades que se apresentam nas primeiras e nas últimas posições do ranking, além das cidades vizinhas a São Gonçalo, e a capital do estado<sup>8</sup>:

---

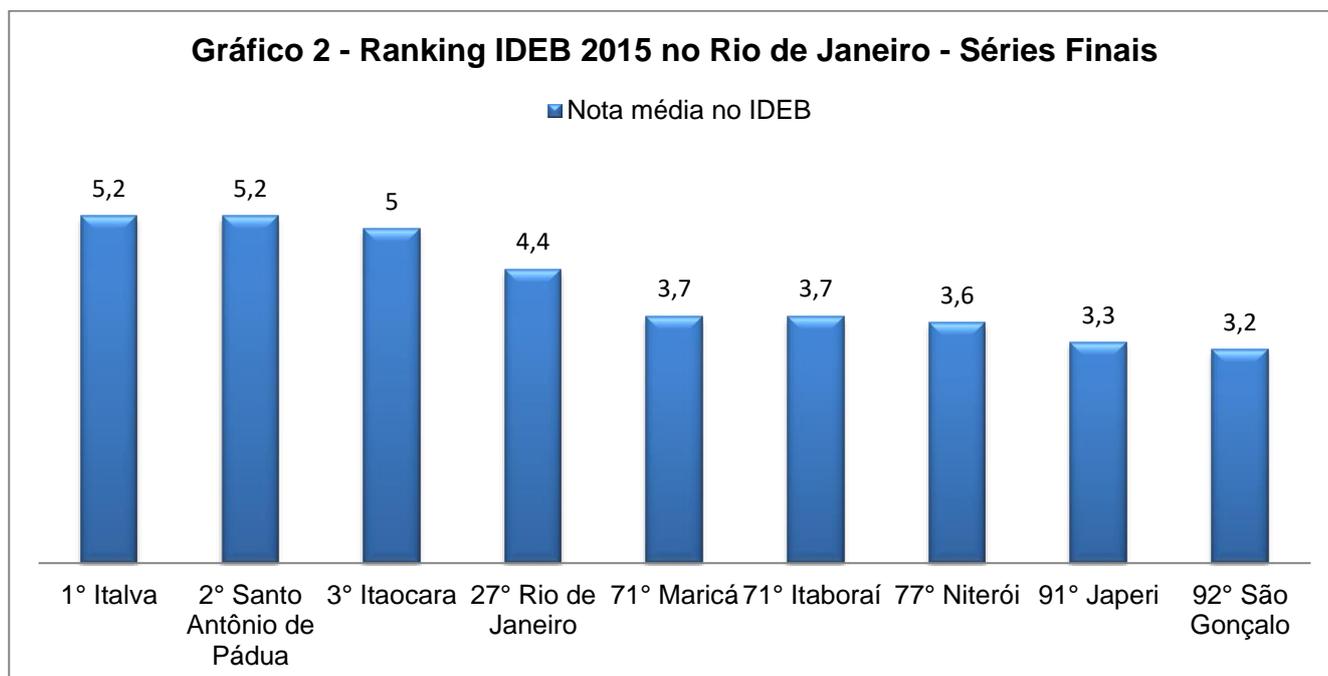
<sup>7</sup> Índice de Desenvolvimento da Educação Básica.

<sup>8</sup> Dados referentes ao site do IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/sao-goncalo/panorama>. Acessado em 10 de outubro de 2017.

**Gráfico 1 - Ranking IDEB 2015 no Rio de Janeiro - Séries Iniciais**



**Gráfico 2 - Ranking IDEB 2015 no Rio de Janeiro - Séries Finais**



Como visto nos gráficos acima, a educação básica de São Gonçalo ainda se mostra muito distante das primeiras colocadas do ranking do IDEB – em geral, municípios menores. Quanto aos municípios vizinhos de São Gonçalo, a distância das posições é menor (em especial nas séries finais), embora São Gonçalo leve desvantagem em ambas as avaliações. De modo geral, o aproveitamento das cidades da Região Metropolitana do Rio de Janeiro se mostra de razoável para baixo.

## 2.2 História local

Ainda que para entrarmos nas questões próprias da ONG aqui estudada, seja interessante a contextualização de toda cidade, é preciso avançar e aproximar-se do bairro de Itaúna onde está localizada sua sede. Itaúna está no 1º distrito de São Gonçalo<sup>9</sup>, de onde também fazem parte o Centro, ou o importante bairro comercial de Alcântara. Também podemos destacar sua vizinhança mais próxima, com bairros como o Salgueiro, Fazenda dos Mineiros, Porto do Rosa, Itaoca, Luiz Caçador, entre outros. Ainda que não de forma oficial, boa parte dessa área vem sendo classificada por moradores, mídia e autoridades estaduais como interligadas na forma de um complexo de favelas: o Complexo do Salgueiro. Essa interligação, porém, não vem em maior instância por um aspecto cultural ou geográfico. Tratando-se de regiões de domínio de tráfico, possuem todos esses bairros um comando comum feito pela mesma facção: o Comando Vermelho. O Complexo do Salgueiro foi recentemente reconhecido pela segurança do Estado como maior refúgio criminal e área de maior poderio bélico do Rio de Janeiro<sup>10</sup>.

Nesse ponto, o percalço maior ao tratar de uma história local no ponto de vista de um recorte espacial é a falta de bibliografia; a área de Itaúna possui produção acadêmica quase inexistente. Tende-se a recorrer então, a representações vistas em meios de comunicação e principalmente a uma história oral<sup>11</sup>.

Ao pensar numa história local, baseando-se principalmente na historiografia de São Gonçalo, é preciso tomar cuidados particulares. Vê-se uma tendência negativa a relacionar a história de determinada região, tentando fazer paralelo a determinado contexto histórico brasileiro: seja Brasil-Colônia, produção de Café, escravidão, etc. Outra tendência negativa seria um tom “ufanista” que busque supervalorizar o local trabalhado. Faz-se aqui, uma história o mais realista possível, percebendo os menores detalhes buscados do indivíduo e local particular; uma intersecção que não se opõe, mas está inclusa na história nacional, como dito em Reznik (2002).

Aqui se decide por pensar num recorte o mais específico possível referente à área trabalhada. Para isso, usamos a seguir o recurso da história oral, realizando entrevistas semiestruturadas com duas moradoras do bairro. A partir do cruzamento de informação dos relatos, podemos perceber algumas das mudanças geográficas e sociais que o bairro passou nas últimas décadas.

---

<sup>9</sup> Ao todo, fazem parte do primeiro distrito 30 bairros; são eles: Palmeira, Itaoca, Fazenda dos Mineiros, Porto do Rosa, Boaçu, Zé Garoto, Brasilândia, Rosane, Vila Lara, Centro (Rodo de S.G.), Rocha, Lindo Parque, Tribobó, Colubandê, Mutondo, Galo Branco Estrela do Norte, São Miguel, Mutuá, Mutuaguaçu, Mutuapira, Cruzeiro do Sul, Antonina, Nova Cidade, Trindade, Luiz Caçador, Recanto das Acácias, Itaúna, Salgueiro e Alcântara.

<sup>10</sup> No depoimento do delegado Marcus Amin, da Delegacia de Homicídios de Niterói e São Gonçalo no início de 2017 ao O Dia, classifica-se o Complexo do Salgueiro como o maior foco da facção Comando Vermelho,. Disponível em: <http://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2017-03-31/traficante-desafia-policia-a-entrar-em-comunidade-de-sao-goncalo.html>. Acessado em 11 de outubro de 2017.

<sup>11</sup> Metodologia de pesquisa histórica que utiliza-se de entrevistas e relatos orais como fonte historiográfica. É usado como um meio de reavaliar certas questões metodológicas na História, em particular, numa forma de ouvir a voz de “pessoas comuns”, somando sua contribuição à pesquisa.

Conversa com **Moradora A** - nascida no bairro de Itaúna no fim dos anos 1960 e moradora até os dias atuais. Suas lembranças de infância nos anos 70 são de um bairro com pouquíssimo comércio, com moradores e casas espaçadas: “Havia muito mais mato do que gente” – diz a moradora. A memória indica um lugar simples, já apontando ao conceito de “cidade-dormitório”, visto que todos os poucos moradores do lugar precisavam trabalhar em regiões afastadas. É destacado o contraste da região com o centro da cidade; essa zona central de São Gonçalo mostrava uma maior densidade demográfica e maior circulação de automóveis – incomuns no bairro de Itaúna na época. Aponta-se que o só houve um maior povoamento e chegada de novas famílias na região, durante os anos 1980. **A Moradora A** não aponta para nenhuma lembrança de criminalidade e insegurança – de qualquer natureza – na região durante essas décadas iniciais; de acordo com ela, as primeiras aparições policiais e de pequenos crimes na região só vêm na virada para o século XXI.

Conversa com **Moradora B** - retirante nordestina que vem morar com o marido no bairro no fim de 1977 e moradora até os dias atuais. Vem do interior do Ceará em busca de melhores oportunidades; visava inicialmente se mudar para a Região dos Lagos do Rio de Janeiro, mas por influência de um parente chega a Itaúna. Sua lembrança é de ser uma das primeiras moradoras do bairro, ainda com poucas casas e pouco comércio. Comenta que dentro das posses iniciais da família, se sente muito satisfeita com todas as oportunidades que o bairro lhe rendeu para criar seus filhos. Diz a todo o momento da entrevista que sente muita falta das décadas iniciais no bairro, onde “tudo era melhor”: “Aprendi a amar esse lugar, mesmo com a saudade da minha terra... mas hoje sairia na primeira oportunidade” – confessa. **A Moradora B** diz temer pela segurança no lugar, em que precisa se aprender a viver cada vez com menos contatos. Concluiu que o lugar passou por crescimento populacional notável, apenas na virada da década de 80 para 90, e que as primeiras notícias de violência aparecem com frequência apenas nos últimos 15 anos.

### 2.3 O avanço do crime organizado.

O início do século XXI foi de notável mudança para a região. Na primeira década, a população de Itaúna já ocupava quase toda sua área, e o vizinho Salgueiro já era reconhecido lugar de domínio do tráfico. O ponto de virada ao que se vê atualmente acontece na última década com implantação do projeto de UPP<sup>12</sup>. A partir da década de 2010, boa parte da área de Itaúna se torna zona de domínio do tráfico, com criminalidade acentuada e constante alvo de operações policiais. Nota-se também sua ligação direta com o poder das favelas vizinhas, caracterizando um Complexo de Favelas (Salgueiro) dominado por uma mesma facção.

---

<sup>12</sup> Unidade de Polícia Pacificadora. Projeto do Governo do Estado do Rio de Janeiro que a partir de 2008 se propõem a implantar polícias comunitárias em favelas com domínio do tráfico na capital, Rio de Janeiro.

Posterior à implantação da UPP e à desarticulação de quadrilhas de algumas favelas na Capital, há uma notória migração de alguns membros do Comando Vermelho para São Gonçalo, e, em especial, para a Favela do Salgueiro, que já era dominada pelo grupo. Com a área do Salgueiro já ocupada em quase toda sua totalidade, muitos desses bandidos foram ocupando favelas vizinhas, antes sem presença do tráfico. Assim, aumenta a extensão da zona controlada por esse “poder paralelo”, incluindo diversos bairros, em morros ou não. É esse incremento que faz a venda de drogas se multiplicar na região, contribuindo para o reconhecimento da área pela segurança do Estado como maior zona de influência da facção no Rio de Janeiro. Essa constatação é vista pela percepção do autor e de outros moradores da região, visto a vivência no local, e a cobertura midiática dos eventos policiais nos anos mais recentes. Pensando nas dificuldades de estudo do tema – tratam-se de informações extraoficiais, ainda em acontecimento, com poucos estudos acadêmicos como embasamento anterior e, por não se tratar do foco principal do trabalho, basta aqui o entendimento central da violência e criminalidade em ascensão na história do bairro e no cotidiano de seus moradores.

Tendo em vista o artigo de Ferreira e Silva (2017), temos um levantamento de algumas das favelas (ou Aglomerados Subnormais, como usado originalmente) em bairros do primeiro distrito de São Gonçalo, deixando visível o domínio quase que total do Comando Vermelho na região. É preciso ressaltar, entretanto, que esse trabalho não considera o fenômeno apresentado na nota anterior, que expõem um processo de poder paralelo não mais autônomo nas favelas do que foi denominado aqui como Complexo do Salgueiro. A zona que estudada neste trabalho faz parte do que é chamado no artigo de “Morro do Céu”, mas considerando esse como parte do Complexo do Salgueiro. Adiciona-se ainda a imprecisão quanto à omissão de bairros como Palmeiras, Recanto das Acácias e São Lourenço, por exemplo. Tais bairros têm fronteiras quase que imperceptíveis com o Salgueiro (bairro), concentrando por consideráveis vezes maior incidência criminal que o bairro, e descaracterizando assim a nomenclatura genérica “Morro do Salgueiro” a apenas um bairro.

### **3 A ONG LUXO DE VIDA**

Em 2014 é fundada a ONG Luxo de Vida no bairro de Itaúna. O projeto – sem fins lucrativos – se iniciou com a psicóloga Girlene Falcão, moradora do local, que tinha interesse em revitalizar um terreno público do bairro que estava repleto de lixo e animais como porcos, ratos e cobras. Dessa primeira ação, nasceu a ideia de ofertar uma oficina de reciclagem para crianças do bairro. Hoje, com mais de cinco anos de existência, a ONG atende crianças e adolescentes com suas diversas oficinas pedagógicas, além de atividades para adultos e idosos da região. A ONG se mantém por meio de doação de mantimentos,

dinheiro depositado mensalmente por mantenedores ou preços simbólicos cobrados em determinadas atividades<sup>13</sup>.

A partir de visitas à sede do projeto e entrevistas semiestruturadas, foram levantados alguns dos principais focos de atuação do projeto. Naquele momento, a ONG oferecia oficinas voltadas a segmentos educacionais, esportivos, artísticos e lúdicos, tais como: oficinas de ballet, moda, capoeira, muay thai, entre outras. No âmbito educacional, viam-se aulas de espanhol, educação ambiental, reforço escolar, além do projeto "Escola Dinâmica" que visa a um reforço escolar com métodos lúdicos para turmas de 5 a 11 anos.

Sobre as crianças que participavam das atividades de reforço escolar no Luxo de Vida, a Coordenadora do Projeto informa em entrevista que todos os alunos da turma são matriculados regularmente na escola. Majoritariamente, são alunos de dois colégios municipais próximos: E.M. Pastor Haroldo Gomes e E.M. Carlos Drummond de Andrade, localizado, respectivamente, em Itaúna e Itaoca. Mesmo com alguns estando em séries avançadas, apresentam diversas lacunas de aprendizados; muitos sem saber ler e escrever plenamente. O trabalho da oficina não leva em conta o currículo escolar oficial que o aluno possui em sua escola/série de origem, mas as demandas e deficiências trazidas por ele, tentando, dessa maneira, produzir um conteúdo que melhor dialogue com seu contexto e seu real estado de aprendizagem. É questionado pela Coordenadora como esses alunos vão passando por diversas séries, e o tão pouco que se desenvolvem nos colégios públicos da região, vistos como muito defasados.

## 4 METODOLOGIA

O projeto de pesquisa pôs-se a estudar as práticas pedagógicas psicossociais dos voluntários em relação aos sujeitos empobrecidos do programa. Foram visitadas sistematicamente as oficinas de reciclagem, "escola dinâmica", expressão corporal, horta comunitária e balé. Os relatórios de campo usados na análise são divididos em oito dias de trabalho, que vão do dia 25 de outubro de 2017 a 29 de novembro de 2017. A metodologia foi a de observação de campo, a partir da fenomenologia do filósofo Edmund Husserl. Como visto em Ferreira (2015, p. 7):

[...] o filósofo alemão Edmund Husserl (1859-1938) buscando romper com a orientação positivista da sua época propôs um método filosófico de conhecimento da realidade baseado no empirismo que levasse o sujeito a conhecer, a partir da experiência das realidades e assuntos concretos vividos pelos sujeitos, à essência das coisas de forma consciente.

Os diários de campo são divididos a partir estrutura do método fenomenológico de Husserl em: *noema*, *noese* e *variação eidética*. O *noema* seria relativo à parte mais objetiva do relato de vivência; é a descrição da situação, a partir de uma percepção mais imparcial possível. O *noese*, ao contrário, seria a

---

<sup>13</sup> Informações retiradas do site oficial da ONG. Disponível em: <http://luxodevida.org.br>. Acessado em 05 de junho de 2017.

parte mais subjetiva; é aqui que o sujeito pode escrever suas lembranças, sentimentos e percepções do fenômeno: como esse sujeito reagiu ao objeto. A *variação eidética*, por fim, é a forma de relatar o fenômeno, a partir da visão e dos sentimentos dos outros que fazem parte da ação. É uma forma do sujeito que relata vivenciar a situação de uma forma empática, refletindo sobre como o fenômeno interferiu sobre o outro.

Para a análise desse material foi utilizado de forma central o conceito de Afetividade em Henri Wallon, partindo, principalmente, dos estudos de Izabel Galvão. Outras autoras usadas para essa melhor compreensão dos conceitos de Wallon incluem também Abigail Mahoney, Laurinda Almeida, Heloysa Dantas.

## 5 EDUCAÇÃO NÃO ESCOLAR E PEDAGOGIA SOCIAL

Ao estudarmos uma visão educacional a partir de um espaço não-escolar, devemos entender as peculiaridades desse ambiente, entendendo suas visões educacionais e como ele dialoga com o ambiente escolar tradicional. Como visto em Caliman (2010, pp.342-343).

Entretanto, fora e além da escola existem diversas formas de educação igualmente significativas e influentes. Em muitos casos, a população socialmente excluída, especialmente crianças, adolescentes e jovens, encontra em organizações sociais e outros ambientes mais ou menos formais o apoio indispensável para superar as suas condições (...) Em outras palavras, a escola é indispensável, mas não suficiente, isto é, não se pode jogar sobre seus ombros toda a luta contra a exclusão social.

Assim, o campo da educação não escolar é visto de fora do sistema escolar tradicional, mas em constante diálogo com esse. Esse campo é objeto de estudo da área de Pedagogia Social. Apesar da prática da Pedagogia Social fazer parte da realidade brasileira há algumas décadas, seu desenvolvimento teórico vem se intensificando apenas nos últimos anos, diz o referido autor (idem, p. 344):

[...] algumas características básicas dessas atividades e/ou instituições socioeducativas é que elas: são atividades de cuidado e ajuda que se situam tanto no âmbito da assistência social como da educação social. E por isso são chamadas de atividades ou instituições socioeducativas; que respondem a necessidades específicas de determinados setores da sociedade, particularmente das crianças, adolescentes e jovens; que, em boa parte, se utilizam do trabalho voluntário.

Por meio da citação desse artigo de Geraldo Caliman, podemos situar e identificar algumas das diretrizes do Luxo de Vida presentes nos relatórios de suas oficinas, que serão analisadas nos tópicos seguintes deste artigo.

## 6 ESTÁGIOS DO DESENVOLVIMENTO EM WALLON

Segundo Galvão (1995, p. 45), “Wallon vê o desenvolvimento da pessoa como uma construção progressiva em que se sucedem fases com predominância alternadamente afetiva e cognitiva.”. A partir dessa visão psicogenética do Autor, podemos dividir cinco estágios de desenvolvimento: impulsivo-emocional; sensório-motor e projetivo; personalismo; categorial e estágio da adolescência. Nos relatos estudados aqui, focaremos em apenas dois desses estágios – o terceiro e o quarto -, visto que é onde se encontram as crianças que frequentam as oficinas da ONG. Para caráter de informação, todavia, sintetizamos os outros estágios de desenvolvimento que ficarão de fora das análises: o primeiro estágio é caracterizado pela emoção, vital nos primeiros contatos da criança com o meio, abrangendo o primeiro ano de vida; o segundo estágio, indo até os três anos da criança, trabalha com a exploração senso-motora do mundo físico; o quinto estágio, na entrada da adolescência, a fase da afetividade volta a ser predominante, tendo a necessidade de nova construção de personalidade.

No estágio de personalismo (3º estágio) que vai dos três aos seis anos de idade, temos como prioridade o processo de formação de personalidade. Temos, nessa fase, a volta da predominância afetiva. Sobre esse estágio, diz Wallon (1995, p. 120): “nessa idade, a criança ainda tem grandes exigências afetivas, tem sede de solicitude e deve ser cercada de uma atmosfera de ternura”. Em nosso relato do quarto dia, em especial no Noema e Variação Eidética, vemos esse aspecto numa garota de cinco anos que faz parte da oficina “Escola Dinâmica”. Chamaremos de Aluna A a partir daqui. Pouco interessada pela atividade proposta pela Professora, a Aluna repete diversas vezes um “olha pra mim!”, buscando a todo o momento o contato e atenção de seus colegas mais velhos e da Educadora. Ao ponto que não recebe essa solicitude, acaba se irritando. A agitação e as solicitações repetitivas dessa aluna mais nova só diminuem depois de a Professora voltar toda sua atenção a ela, em especial, na atividade lúdica com vídeos ao fim da aula, em que ela finalmente tem a Professora “toda para si”. Percebemos então que a problemática ocorre ao termos uma turma de idade mista. As crianças em estágio mais avançado presentes na classe sentem-se atrapalhadas e reclamam da aluna mais nova. A Educadora então tem de se colocar nesse conflito, que só é resolvido de forma mais efetiva ao atender particularmente a garota de cinco anos, fazendo uma atividade específica para ela. Essa mesma Aluna A reaparece no relato do oitavo dia. Ao não poder – decorrente da idade – participar da oficina de balé, a aluna se mostra muito triste pelo desprestígio dos outros e tenta de toda forma conquistar minha atenção, puxando assuntos, falando alto, dançando.

Superando a fase personalista, a criança chega ao estágio categorial (4º estágio) – que vai dos seis aos doze anos de idade -, quando a criança volta-se novamente “às coisas”. Em nossa visita à Oficina de Reciclagem, todas as crianças presentes estão nessa faixa de idade. O objetivo da aula seria criar um porta treco reaproveitando caixas de suco usadas e outros materiais decorativos distribuídos pela Educadora.

Destacam-se dois casos de relações conflituosas entre os alunos nessa aula: a primeira relativa às brincadeiras com os alunos mais atrasados na tarefa; a segunda no tom de protesto quando a Professora tenta ajudar e faz o trabalho de apenas um dos alunos, que tinha mais dificuldade. Chamaremos de Aluno B a partir daqui. Sobre as crianças nesse estágio, que Wallon chama de idade escolar, diz o autor (1995, p. 121): “a criança mais lenta e delicada, a ‘queridinha’, é caçoada e até duramente maltratada pelos colegas, espécie de iniciação a um clima mais viril. Os colegas o põem na linha”. A Educadora acaba intervindo de maneira negativa no conflito, piorando o clima hostil entre os alunos. Depois dos “protestos” dos colegas desse aluno ajudado, o mesmo chegou a desistir da atividade e sair da sala, tendo retornado apenas após a Professora e outros voluntários o chamarem de volta.

## 7 ANÁLISE DE CAMPO E PARALELOS COM WALLON

Outro exemplo que trazemos, a partir dos trabalhos de campo, é a oficina de expressão corporal, idealizada pelo Projeto visando a uma tentativa de apaziguar a situação interacional de exposição constante das crianças à violência e à banalização criminal presente na comunidade. Sobre essa oficina, a atividade visitada consistiu em reunir os alunos numa sala da ONG, todos sentados num tatame e com música instrumental relaxante de fundo. Foram divididos em três duplas de meninas e uma de meninos; um garoto sobrou. A atividade consistiria em um dos integrantes da dupla passar creme de arnica nas mãos e massagear os ombros do outro, um por vez, e depois inverter a ordem. Destaco abaixo uma de minhas impressões ao fim da oficina:

Nessa aula em particular, imaginei que duas coisas seriam empecilhos para as atividades. A primeira, relativa ao agitação natural das crianças antes do início da aula; parecia ser difícil de imaginar que elas se acalmariam tanto com o decorrer da atividade. A segunda, relativa a uma suposta reclamação dos garotos – todos os três em torno de oito anos – quanto a massagear o amigo; nenhuma intervenção de cunho machista ocorreu durante a aula por parte desses.<sup>14</sup>

Na parte final da aula, a Educadora indagou aos alunos o que eles haviam achado da atividade. Ainda que boa parte dos comentários tenham sido genéricos – muito em decorrência da pouca idade –, os que saíam da normalidade foram animadores quanto ao efeito da oficina na vida dos alunos. Um deles respondeu ao fim: “me senti alegre por dentro”.

Ainda nesse terceiro dia de relato, pouco antes do início da oficina de expressão corporal, vemos um dos relatos mais marcantes do trabalho de campo, enquanto estava na varanda da sede com um grupo de quatro alunos. Um deles desenha num pequeno quadro uma cruz, dizendo ser essa para seu pai que estava morto; duas das outras crianças também se manifestam dizendo que seus pais também haviam morrido. Apenas uma das crianças desse grupo expõe ter o pai vivo. Ainda que sem ter a possibilidade de

---

<sup>14</sup> Relatos presentes na Noese do terceiro dia de trabalho, 31 de outubro de 2017.

comprovar acontecimentos da vida pessoal desses alunos, se tal fato é realmente verdadeiro, impressiona a aparente situação de desestruturação familiar tão recorrente – e naturalizada - a esses alunos.

Ainda que o observador note primeiro o lado emocional da situação da criança lidando com a morte, ou ainda por uma tendência social de estrutura familiar fragilizada no local, a teoria *walloniana* nos dá traços de sincretismo no pensamento das crianças vistas aqui. Como dito em Galvão (1995, p. 81): “Wallon identifica o sincretismo como a principal característica do pensamento infantil. Usual na psicologia, o adjetivo sincrético costuma designar o caráter confuso e global do pensamento e percepção infantis.”. Em *Origens do pensamento na criança* (1945), Wallon utiliza como procedimento metodológico a entrevista com crianças de 5 a 9 anos, fazendo com que essas falassem de alguns temas e objetos de seus cotidianos. Assim, por exemplo, quando a criança é perguntada sobre o que seria a chuva, essa identifica o fenômeno da chuva com o vento; depois a chuva ao trovão; e ainda o vento ao céu. Em nosso exemplo relatado aqui, a criança – que tem idade semelhante às das participantes da pesquisa de Wallon – não entende por completo a dimensão de uma situação de morte, mas compreende a oposição entre presença/ausência, relacionando essa segunda (vislumbrada em seu pai) com o símbolo da cruz; como algo positivo, de lembrança e homenagem. Veem-se, assim, dispostas em relação de pares: morte-ausência, ausência-cruz, cruz-homenagem.

Outro ponto de análise pode ser feito a partir do contexto educativo da ONG. Dialogamos novamente com a área da Pedagogia Social, e do espaço cedido à educação não escolar, quando a educação formal não é “suficiente”. Visto essa não funcionalidade em seu âmbito total, e em especial da educação que cabe ao Estado nas camadas empobrecidas, a educação não escolar (ONG's, instituições religiosas, museus, etc.) encontra espaço nesse âmbito, ainda que não seja de sua competência primária. Como diz Ferreira; Silva (2017, p. 3),

[...] a ausência do poder público em áreas empobrecidas e dominadas pelo poder do tráfico agravam a realidade das grandes cidades e regiões metropolitanas. Só a presença policial não resolve o problema desses espaços. Assim, ressalta-se a importância do educador social, que tem como ponto inicial de reflexão a pedagogia social que é sistematizadora de outras práticas socioeducativas. Apropriando-se da realidade vivida no campo de trabalho sociopedagógico e do campo teórico da pedagogia social, esse profissional contribui nesses espaços para a formação do cidadão das camadas empobrecidas e reconhecimento da (re)existência de seres humanos que possuem necessidades não atendidas.

É nesse contexto que podemos entender a oficina “Escola Dinâmica”. Como relatado na entrevista com a Coordenadora do Projeto, todas as crianças matriculadas na oficina estavam frequentando regularmente a escola. A ONG atua num sentido autônomo ao projeto pedagógico da escola de origem da criança. O foco é o individual do desenvolvimento da criança, “ignorando” sua série na educação formal. Exemplos disso são vistos nos relatos que apresentam as atividades desenvolvidas por cada um desses alunos nas aulas. Vemos abaixo alguns dos relatos contidos no trabalho de campo:

Apesar de a aula ser em grupo, as lições são todas individualizadas, personalizadas com o saber do aluno. Essas atividades são designadas pela Educadora ao início da aula, baseado no desenvolvimento dos alunos durante as aulas anteriores da oficina. Alguns alunos mais novos dão seus primeiros passos escrevendo seu nome. Outros – já ultrapassando esse primeiro estágio – já se esforçam a fazer vogais, alfabeto, ou questões de matemática. A aluna mais avançada da turma – por volta de oito anos – já escreve uma redação durante a aula, a qual deveria ler na frente da turma ao fim<sup>15</sup>.

Conforme comentários de caráter histórico e social, feitos no início deste artigo, em relação ao recorte espacial da ONG, infere-se o quanto é relevante entender como se dá a interação do local onde estão inseridas essas crianças, com seus desenvolvimentos. Em pouco mais de um mês de trabalho de campo, tivemos oito dias de trabalho relatados sobre a ONG Luxo de Vida. Desses oito dias, dois são de dias sem trabalho, com as atividades da Organização paralisadas. A primeira paralisação se dá por uma grande operação – com 3500 homens da Força Nacional – nos bairros do Complexo do Salgueiro, em busca de traficantes<sup>16</sup>. A segunda, por conta da presença de homens da polícia sobrevoando o local, monitorando protesto de moradores da Região em consequência da morte de sete homens, dois dias antes, nos arredores de um baile funk na Comunidade. O relato abaixo como foi descrito no diário de campo os acontecimentos decorrentes dessa chacina:

Na madrugada do dia 11 de novembro (sábado) são encontrados sete jovens mortos no Complexo do Salgueiro, onde estava havendo um baile funk<sup>17</sup>; as famílias das vítimas acusam policiais da Core<sup>18</sup> pelas mortes<sup>19</sup>. A Core reconhece que fez operação no Complexo nessa noite, mas acusam que os tiros que causaram as mortes foram disparados todos por homens do Exército. Os corpos dos jovens foram encontrados a cerca de três quilômetros de onde estava havendo o Baile. A polícia informou que quatro dos mortos tinham passagem pela polícia; apesar dos corpos terem sido identificados, não foi informado qual destes teriam passagem<sup>20</sup>. Na manhã do dia 13 de novembro houve protesto de moradores do Complexo do Salgueiro na Rodovia Niterói-Manilha (BR-101), manifestando-se pedindo justiça e reivindicando a inocência das sete vítimas. Cerca de cem pessoas chegaram a fechar o acesso à rodovia<sup>21 22</sup>.

Dessa forma, em contato direto com os estudos e avanços do campo da neurologia, Henri Wallon assume posição favorável à interferência do meio social no funcionamento orgânico, em especial na criança. Como dito em Galvão (1995, p. 36):

<sup>15</sup> Relatos presentes no Noema do segundo dia de trabalho, em 30 de outubro de 2017.

<sup>16</sup> Informação disponíveis em: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/forças-de-seguranca-fazem-operacao-em-sao-goncalo-no-rj.ghtml>. Acessado em 09 de novembro de 2017.

<sup>17</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/sete-pessoas-sao-encontradas-mortas-em-sao-goncalo-rj.ghtml>. Acessado em 13 de novembro de 2017.

<sup>18</sup> Coordenadoria de Operações Especiais, elite da Polícia Civil.

<sup>19</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/parentes-acusam-policiais-da-core-de-matarem-sete-jovens-em-baile-funk-em-sao-goncalo.ghtml>. Acessado em 13 novembro de 2017.

<sup>20</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/policia-tenta-identificar-tipo-de-arma-usada-na-morte-de-sete-pessoas-em-sao-goncalo-rj.ghtml>. Acessado em 13 de novembro de 2017.

<sup>21</sup> Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/grupo-faz-protesto-contra-morte-de-sete-pessoas-no-salgueiro-em-sao-goncalo-22063691>. Acessado em 13 de novembro de 2017.

<sup>22</sup> Relatos presentes nas observações do sétimo dia de trabalho, em 13 de novembro de 2017.

[...] a observação permite o acesso à atividade da criança em seus contextos, condição para que se compreenda o real significado de cada uma de suas manifestações: só podemos entender as atitudes da criança se entendemos a trama do ambiente na qual está inserida.

Assim, é importante caracterizar a visão *walloniana* frente à interpretação do psiquismo humano em oposição às concepções idealistas e materialistas mecânicas. Wallon tenta fazer um meio termo rejeitando a visão dicotômica estabelecida entre essas duas teorias.

Wallon caracteriza-se por forte influência do marxismo filosófico, utilizando em seus conceitos e métodos de análise uma perspectiva materialista-dialética<sup>23</sup>. Voltando ao debate da importância do meio para o desenvolvimento da criança, Galvão (1995, p. 27) diz que esse não é “uma entidade estática e homogênea, mas transforma-se juntamente com a criança”. Quanto à importância metodológica do materialismo dialético em Wallon, O autor (1992, p. 37) conclui:

[...] quando a escolha do materialismo dialético se tornou explícita e assumiu a posição de sede das decisões metodológicas, ela não correspondeu, por conseguinte, a um apriorismo. Representou, para Wallon, uma solução epistemológica. Ciência híbrida, situada na intersecção de dois mundos, o da natureza e o da cultura, a psicologia é a dimensão nova que resulta do encontro, e mantém a tensão permanente do seu jogo de forças.

Tais citações e comentários mostram uma clara influência do autor numa perspectiva de práxis marxista, tal como sua conceptualização do materialismo-dialético em oposição ao idealismo.

## 7.1 Importância da afetividade em Wallon

Nesta última parte da investigação das relações sociais estabelecidas, analisaremos os aspectos relativos à relação entre afetividade e aprendizagem para Wallon. Um de seus pontos centrais – e essencial para nossa plena compreensão – seria a diferenciação entre os três momentos presentes na afetividade: emoção, paixão e sentimento. Contudo, faz-se importante marcar os caminhos que levam Henri Wallon a construir a emoção como elemento fundamental do desenvolvimento infante juvenil.

Até 1920, Henri Wallon se configurava como um dos importantes nomes da psicologia infantil na França, contribuindo com teses originais sobre os elementos presentes no desenvolvimento infantil, a saber: o papel importante dado à emoção, à descrição de algumas síndromes psicomotoras relacionadas com esses mesmos elementos - dando a ele o rótulo de organicista, que, mais tarde, foi reconhecido como equivocado pelo próprio Laboratório de Psicobiologia da Criança na Sorbone. Desde os primeiros textos, Henri Wallon busca produzir uma psicologia que tentasse solucionar os reducionismos tanto para

---

<sup>23</sup> Nesse modelo filosófico, usado largamente pelo Marxismo, a interpretação dos fenômenos da natureza se dá de maneira dialética, e sua teoria seria materialista. Sendo assim, ao mesmo ponto que o homem transforma o seu meio social, também é transformado e moldado por ele.

o materialismo mecanicista-organicista, quanto para o espiritualismo. Dessa forma, a busca pela consciência dos afetos torna-se o tema central de suas investigações.

Na década de 1940, Wallon publicará os seus mais importantes livros “A evolução psíquica da criança” (1941), “Do Ato ao Pensamento” (1942) e “As origens do pensamento na criança” (1945). Esses três livros serão basilares nos estudos *wallonianos*, uma vez que ele se aprofunda na explicitação das fases de desenvolvimentos para a criança, articulando os elementos da intero, extero e proprioceptividade que liga a dimensão de uma relação direta entre o desenvolvimento tônico da criança e adolescente com as questões socioambientais que terão sua organização psíquica do afeto dentro dos indivíduos. Não se pode perder de vista que os estudos de Henri Wallon transitavam entre a Psiquiatria infantil e a Psicanálise florescente na França de sua época.

Em resumo, para Wallon, à medida que a criança vai construindo um repertório mais ou menos estável de reações motoras e emocionais, ela vai organizando a sua comunicação e consciência voltando-se aos estágios de desenvolvimento sensório, motor e projetivo, que estão sempre em ênfase com a sua relação para o mundo externo. (Wallon, 1942).

No entanto, aos nos debruçarmos nessa investigação, devemos nos ater aos pressupostos que estão presentes no livro “As origens do pensamento na criança” (1945), no qual Wallon descreve os pormenores do longo processo de construções motora-afetiva-consciente que fará os indivíduos adolescentes em adultos. As constantes transformações orgânicas e sociais vividas pelas crianças/adolescentes proporcionam os elementos mais conscientes e voluntários, sobre o problema da identidade. A superação da crise da adolescência será tão melhor, e mais resolvida, quanto melhores as condições orgânicas, pessoais, familiares, sociais, culturais e históricas estiverem sendo articuladas junto aos sujeitos dos processos de ensino-aprendizagem cotidianos.

É por isso que lançamos mão dos apontamentos de Abigail Mahoney e Laurinda de Almeida (2005) que, a partir do pensamento *walloniano* sistematizado, oferecem uma maneira de pensar a afetividade nos processos educacionais brasileiros. Segundo as autoras, (2005, p. 21): “[afetividade] refere-se à capacidade, à disposição do ser humano de ser afetado pelo mundo externo/interno por sensações ligadas a tonalidades agradáveis ou desagradáveis”. Diferenciam-se assim seus três momentos: sendo a emoção a expressão da afetividade, sua demonstração externa; o sentimento como a expressão representacional da afetividade. Para as autoras (ibidem) “[paixão] revela o aparecimento do autocontrole para dominar uma situação: tenta para isso silenciar a emoção”.

Pensando na manifestação de emoção, consideramos essa parte da teoria emotiva *walloniana a priori* como metodologicamente dialética em relação ao desenvolvimento genético. Como característica importante para análise, destaca-se seu caráter altamente contagioso – devido a sua função basicamente social. Como destacado por Dantas (1992, p. 88): “o seu caráter social resulta ainda a tendência que tem

para nutrir-se com a presença dos outros. Plateias desempenham o papel do oxigênio que alimenta a chama emocional”.

Pensando por esse olhar, é essencial a relação estabelecida entre professor-aluno: uma relação dialética. Na visão *walloniana*, o afeto (seja ele positivo ou negativo), influencia de forma direta a aprendizagem. Anteriormente, já vimos no texto dois exemplos que elucidam bem esse caráter: a Aluna A e o Aluno B. A seguir, nos aprofundaremos em ambos os casos e como se deu a reação deles a diferentes estímulos e afetos, relacionando isso ao processo de aprendizagem.

**Aluna A** - A garota de cinco anos (no estágio personalista) tenta chamar a atenção para si, característica própria do seu estágio de desenvolvimento - predominantemente emocional. Essa garota, ao não receber o retorno esperado – vendo-se ignorada ou alvo de reclamações da turma -, não consegue desenvolver nem mesmo as atividades mais básicas, outrora feitas por ela na aula anterior. Ela é afetada negativamente. Por duas aulas seguidas, ela tenta escrever seu nome numa folha e treinar a escrita das vogais. Na primeira aula dessa oficina, ela conseguiu cumprir isso, na segunda não. Como dito, isso só foi atenuado a partir do momento em que a Educadora dá uma atenção especial à aluna, indo individualmente até ela. Na reta final da aula, a Educadora convida-a para sentarem juntas numa poltrona – com mais uma aluna de idade parecida – e assistir a alguns vídeos lúdicos, específicos para a iniciação do processo de alfabetização. Vemos no *Noema* do dia como foi descrito essa parte final:

Ao fim, é passado um vídeo musical lúdico-educativo para as crianças mais novas. Trata-se de um vídeo da dupla de palhaços “Patati e Patatá” ensinando o ABC e a escrita de algumas palavras. A Professora assiste ao vídeo, sentada juntamente aos alunos numa poltrona.<sup>24</sup>

**Aluno B** – Esse aluno, (que se encontra no estágio categorial) desde o início da Oficina de Reciclagem, passa por grandes dificuldades para realizar a atividade prevista: a confecção de um porta treco. Decorrente disso, a Educadora ajuda-o realizando várias das ações em seu lugar, arrancando assim protestos das outras crianças.

O garoto da turma pede ajuda por não saber fazer determinado recorte sozinho. A Educadora se põe a fazer para ele. Quase todo o resto da turma se coloca em protesto, repetindo que se fosse assim, ela deveria fazer para todos os outros alunos. Pouco depois do fato, esse aluno se levanta e vai para a parte externa da sede. Ao fim, quando todos já terminam, a Educadora e outros voluntários da ONG o chamam de volta<sup>25</sup>.

O **Aluno B** já não demonstrava uma grande motivação em seu início de trabalho. Logo após ele se tornar alvo dos colegas de oficina, sua reação instintiva é sair daquele lugar, desistir completamente da atividade. Ele só retorna à sala ao fim da oficina, depois de a Educadora, voluntários e outras crianças virem até ele, incentivando-o a voltar. Ao fim, ele recebe elogio de todos pelo trabalho que fez, e só assim seu

---

<sup>24</sup> Relatos presentes no *Noema* do quarto dia de trabalho, em 06 de novembro de 2017.

<sup>25</sup> Relatos presentes no *Noema* do primeiro dia de trabalho, em 25 de outubro de 2017.

jeito muda: “Ele consegue terminar seu artesanato ao fim, e recebendo elogios da professora demonstra maior alívio e deixa escapar sorriso<sup>26</sup>”.

Para encerrar as exemplificações acerca da afetividade, relataremos a Oficina de confecção da Horta Comunitária. A ideia de uma horta comunitária tomou corpo, pensando em utilizar um espaço ocioso na própria rua da sede. Cerca de doze alunos se dividiam em grupos de trabalho, ocupando todos os cômodos da sede. A oficina não tem um Educador em si mediando; parte de uma ideia da Coordenadora do projeto, que após explicar os pontos principais da atividade, deixa os alunos trabalharem por conta própria. O modelo feito pelos alunos é de um vaso auto-irrigável confeccionado com materiais recicláveis.

Os alunos parecem ter respondido muito bem à confiança que foi depositada a eles nessa oficina [...] Ainda que todos da mesma idade, os que participavam da atividade pareciam querer se mostrar mais maduros, e cobravam da Coordenação do Projeto que os alunos de fora falassem mais baixo. Os alunos ainda cobravam entre si um melhor trabalho, melhorias na forma de cortar, por exemplo. A Coordenadora e os outros voluntários no local pareciam perceber o desenvolvimento positivo da atividade, e, até por isso, foram deixando cada vez mais espaço e liberdade para o trabalho dos alunos. Quando dito o horário do fim, se viam alguns alunos tristes e reclamando por já terem de voltar para casa, onde diziam não ter nada para fazer<sup>27</sup>.

O que ficou notado nessa oficina foi o comportamento dos alunos quando colocados em posições ativas. O engajamento na atividade e atenção disposta a ela foi superior a boa parte das oficinas anteriores. A Coordenadora do projeto depositou desde o início toda confiança nos alunos; não censurou ou deu ordens, deixou-os no comando. Comumente passava por eles elogiando o desenvolvimento do trabalho, o que fazia os alunos se animarem ainda mais. Vemos na situação demonstrada, a importância do lado afetivo da Coordenadora, depositando nos alunos a emoção e a experiência do sentimento de confiança e empoderamento. A aplicação dessa afetividade no desenvolvimento da atividade resulta no autocontrole das potencialidades dos alunos – paixão no termo *walloniano* – e traz um efeito positivo à prática educacional que foi organizada nessa oficina.

## 8 CONCLUSÃO

Esta pesquisa apresentou uma forma de articular conceitos como os de desenvolvimento e afetividades para Wallon, demonstrando como aplicá-los aos estudos de Pedagogia Social. Para tanto, foi de grande importância para a pesquisa - e levando em consideração as reflexões de Wallon para a importância do espaço no qual se desenvolvem as relações -, traçar um panorama social de São Gonçalo e do bairro de Itaúna. Buscando compreender traços culturais da vivência dos agentes envolvidos no

---

<sup>26</sup> Relatos presentes na Variação Eidética do primeiro dia de trabalho, em 25 de outubro de 2017.

<sup>27</sup> Relatos presentes na Variação Eidética do sexto dia de trabalho, em 08 de novembro de 2017.

fenômeno, precisamos ir além de um senso comum e de uma aplicação mecânica de conceitos *wallonianos* desenvolvidos em outro tempo e espaço. Vê-se a necessidade de traçar um desenho histórico do município de São Gonçalo, e, mais do que isso, suprir a carência de fontes para se basear num contexto mais local, no bairro onde desenvolvemos a pesquisa. Para isso, utilizamos os recursos relativos à história oral: lembramos que os bairros, as classes empobrecidas, possuem uma voz, faltando a elas um papel de protagonismo e o espaço para serem ouvidas.

Tendo como proposição central da pesquisa uma articulação com as ideias de Henri Wallon, é a partir do autor que consideramos os principais resultados encontrados ao fim do artigo. A primeira, relativa à importância do contexto espaço-temporal no qual se desenvolvem as relações sociais educacionais da ONG: um ambiente marcado por pobreza e violência. Em segundo lugar, a questão de Wallon e a sua relevância para se pensar em uma prática socioeducacional.

Considerando o primeiro ponto, o resultado aponta para a tentativa de reconstrução da memória e da história de todo um bairro. Aqui, infere-se, tendo como base a história mais recente do local, a grande influência que a escalada de violência – a qual o poder público não acompanha com políticas efetivas de prevenção – tem no desenvolvimento das crianças do local. Wallon considera relevante a interferência do meio no funcionamento orgânico e na prática das relações interpessoais, como visto em Galvão (1995, p. 36): “só podemos entender as atitudes da criança se entendemos a trama do ambiente na qual está inserida”. Todo esse contexto local influencia em grande medida os conteúdos e ofertas que as organizações socioeducativas consideram relevantes a serem ofertadas para esses alunos.

Quanto à exploração dos conceitos de Wallon para se pensar numa prática socioeducativa, destacam-se dois pontos: a relação de como se dão os estágios de desenvolvimento - e como esses se dão nas camadas empobrecidas -, e a afetividade como ferramenta (seja positiva ou negativa) nos processos de ensino aprendizagem. Em relação aos estágios de desenvolvimento, os relatos descritos nos diários de campo mostraram-se em grande conformidade com a teoria *walloniana*. Infere-se o desenvolvimento dessas crianças com grande semelhança de características às descritas por Wallon em cada um dos estágios da infância. Percebe-se ainda, alguns dos problemas relativos à prática docente em turmas nas quais as crianças estão em diferentes estágios, o conflito que pode ser gerado a partir da predominância de diferentes sentimentos em cada criança. A criança ainda no estágio personalista pode causar algumas dificuldades de convivência com crianças já no estágio categorial, por exemplo.

Ainda em congruência com o que é proposto por Wallon, exemplifica-se bem o uso da afetividade na prática educativa, assim como os diferentes efeitos sentidos a partir de suas aplicações. O maior uso de uma afetividade positiva, de empatia e encorajamento para uma autonomia do aluno, gera resultados muito mais eficazes no processo educativo, em particular, quando respeitado o tempo de desenvolvimento e o contexto social no qual esse aluno está inserido. Do contrário, a partir de uma prática afetiva negativa,

onde o educador demonstra pouca confiança no aluno, quando a atenção e a confiança relativas às suas especificidades não são respeitadas, vê-se um aproveitamento inferior, sendo decisivo para o desencorajamento do aluno nas atividades propostas.

Este trabalho pode servir para outros profissionais prosseguirem, a partir da mesma reflexão ou aplicá-las de diferentes formas. Cabe destacar a necessidade de uma construção ainda mais constante da história e do estudo de caso a partir dos diferentes espaços que abrigam práticas socioeducativas, em especial, nas regiões mais vulneráveis, onde se fazem necessários mais estudos que possibilitem entender melhor o funcionamento desses grupos, suas necessidades educacionais e as práticas que são desenvolvidas em seus contextos.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Victor Leonardo de; MELO, Hildete Pereira de. **O processo de esvaziamento industrial em São Gonçalo no século XX: auge e declínio da “Manchester Fluminense”**. Cadernos do Desenvolvimento Fluminense, n.4, Rio de Janeiro, 2014.

CALIMAN, Geraldo. **Pedagogia Social: seu potencial crítico e transformador**. Revista de Ciências da Educação, n. 23, Americana, 2010.

DANTAS, Heloysa. Do ato motor ao ato mental: a gênese da inteligência segundo Wallon e A afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon. In: LA TAILLE, Yves de [et. al]. Piaget, Vygotsky e Wallon: **teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo. Summus. p. 35-44 e 85-98. 1992.

FERREIRA, Aurino Lima; ACIOLY-RÉGNIER, Nadja Maria. **Contribuições de Henri Wallon à relação cognição e afetividade na educação**. Educar, Curitiba, n. 36, p. 21-38, 2010.

FERREIRA, Arthur Vianna. O uso da fenomenologia nas práticas de estágio supervisionado para licenciaturas. **Rev. Brasileira de Ensino Superior**. Passo Fundo, v. 1, n. 2, p. 5-14, 2015.

FERREIRA, Arthur Vianna; SILVA, João Vitor de Andrade. Onde tem uma comunidade pobre nem sempre tem uma comunidade educativa. A pedagogia social e os espaços educativos em São Gonçalo. IX Seminário Internacional Redes Educativas e Tecnologias. Rio de Janeiro. 2017.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis, RJ. Vozes. 1995.

MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. **Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon**. Psic. da Ed., São Paulo, 20, p. 11-30, 2015.

MORAES, João M. Bodê. Espaço do trabalho e mudanças socioespaciais: a reconstrução dos espaços urbano-fabris no município de São Gonçalo, Estado do Rio de Janeiro. Meridiano - **Revista de Geografia**, v. 03, p. 67-82, Buenos Aires, Argentina, 2014.

REZNIK, Luís. Qual o lugar da História local?. In: V Taller Internacional de Problemas Teóricos y Prácticos de la Historia Regional y Local, 2003, Havana - Cuba. V Taller Internacional de problemas Teóricos y Prácticos de la Historia Regional y Local, p. 276-287, Havana, Cuba, 2002.

WALLON, Henri. **As origens do caráter**. São Paulo: Nova Alexandrina, 1934 (1995)

WALLON, Henri. **Do ato ao pensamento**. Petrópolis: Vozes, 2015.

WALLON, Henri. Função Proprioplástica. In: WEREBE, M; NADEL-BRULFERT, J (org.) **Henri Wallon**. São Paulo: Ática, 1938 (1986).

WALLON, Henri. As etapas da evolução psicológica da criança. In: GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis, RJ. Vozes, p. 115-122, 1995.